

Audrey Carlan

A
garota DO
CALENDÁRIO



NOVEMBRO

Tradução
Andréia Barboza

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP 2016



VERUS
EDITORA

Editora

Raíssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Maria Lúcia A. Maier

Capa e projeto gráfico

André S. Tavares da Silva

Foto da capa

© Viorel Sima/Shutterstock (casal)

Título original*Calendar Girl: November*

ISBN: 978-85-7686-532-2

Copyright © Audrey Carlan, 2015

Todos os direitos reservados.

Edição publicada originalmente por Waterhouse Press, LLC / Bookcase Literary Agency

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278g

Carlan, Audrey

A garota do calendário : novembro / Audrey Carlan ; tradução
Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.
21 cm. (A garota do calendário ; 11)

Tradução de: Calendar Girl: November

Sequência de: A garota do calendário: outubro
ISBN 978-85-7686-532-2

1. Romance americano. I. Barboza, Andréia. II. Título.
III. Série.

16-36401

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

1



FLOCOS DE NEVE. ÚNICOS, FRÁGEIS E DIFERENTES ENTRE SI. ABSOLUTAMENTE fascinantes. Peguei com a boca um que caiu do céu. Ele derreteu no instante em que tocou minha língua. Os flocos me mantiveram encantada enquanto vários deles caíam sobre meus cílios, distorcendo momentaneamente minha visão. Pisquei, afastando-os, e suspirei. A névoa do meu hálito quente imitou uma nuvem de fumaça. Com as mãos abertas, girei lentamente, permitindo que os flocos claros caíssem sobre mim.

— Se você já tiver terminado de brincar na neve, podemos ir para o hotel? — Wes riu. — Estou congelando! — Ele pressionou o nariz frio no calor do meu pescoço. Por trás, circulou os braços ao meu redor e me abraçou apertado. Cobriu seus braços com os meus.

— Isso é tão legal! Raramente neva em Las Vegas e, definitivamente, nunca em L.A. — Assisti com admiração àquela maravilha da natureza.

Ele se aconchegou em meu pescoço, deixando uma trilha de beijos até a nuca.

— Superlegal... As minhas bolas estão congelando e o meu pau virou um pedaço de gelo.

— Bem, eu sempre adorei picolé. — Eu ri e me virei, ficando cara a cara com ele. — Obrigada por ter vindo comigo. Honestamente, eu não estava pronta pra ficar longe de você.

Wes sorriu de um jeito que me fez querer pular em cima dele. O meu namorado estava um gato, mesmo agasalhado e usando gorro.

— Quem não ia querer passar duas semanas em Nova York com uma bela dama? — Ele se inclinou, esfregou o nariz no meu e me deu um selinho.

Mentiroso. Quando a equipe do programa disse que eu teria de ir para a Big Apple por duas semanas, gravar com algumas celebridades para o especial do dr. Hoffman, “Seja grato”, um quadro semanal como o meu “Vida bela”, Wes não pareceu muito interessado. Disse que evitava a costa Leste durante os meses de inverno como quem evita a peste. Ele achava que o oceano Atlântico não era quente o suficiente, ou que as ondas não eram propícias para um surfista dedicado... e que as temperaturas, em comparação com a Costa Dourada da Califórnia, eram baixas demais.

Eu estava preocupada com a perspectiva de ficar sem ele por duas semanas. Para mim era muito cedo. Fazia pouco tempo que ele havia saído do cativeiro. A simples ideia de estar longe dele por qualquer período de tempo me dava urticária, mas fiz tudo que pude para agir normalmente. Ele estava se recuperando, e a terapia ia incrivelmente bem. A última coisa que eu queria era que Wes pensasse que eu não acreditava que ele podia se manter por duas semanas sem a namorada superprotetora para vigiá-lo.

No entanto, quando fiz planos de entrevistar meus amigos — Mason Murphy, o arremessador do Red Sox, e Anton Santiago, o rapper Latin Lov-ah —, ele mudou de ideia. Uma noite, na semana anterior, Wes me confidenciou que tinha conversado uma sessão inteira com sua terapeuta, Anita Shofner, sobre os homens que haviam passado pela minha vida. Ele sa-

bia que eu recebia ligações regulares de Mason, Tai, Anton, Alec, Hector e Max. Claro que não se importava com as ligações de Max, meu irmão recém-descoberto, ou de Hector, porque ele era gay e tinha um relacionamento sério com Tony. Mas Wes admitiu sentir um pouco de ciúme dos outros quatro. Ele conhecera Anton e gostara do fato de o Latin Lov-ah ter me ajudado a atravessar um momento difícil, mas, ainda assim, não confiava nele, por causa de sua reputação de mulherengo. Até Mason, que estava completamente apaixonado por Rachel, sua relações-públicas, o deixava arrepiado.

Eu mencionei algo a respeito disso? Não. Não quando o objetivo era trazer meu namorado para Nova York comigo. Eu sabia que era cruel, mas, quando ele perguntou o que nós faríamos depois que eu os entrevistasse, dei de ombros e respondi que faria o que eles quisessem. Cinco minutos depois, Wes estava fazendo as malas.



— Quando nós vamos encontrar os seus amigos? — Havia uma pontada de irritação em seu tom.

Sua reação por rever Anton e conhecer Mason tinha sido estranha. Meu namorado sempre foi pé no chão, sempre foi seguro. No entanto, depois da experiência na Indonésia, ele ainda não havia recuperado completamente seu jeito tranquilo de ser. A terapeuta me assegurou que levaria tempo e pediu que eu continuasse a oferecer coisas boas para Wes pensar — ou seja: nós e a nossa relação, que florescia.

— Hoje à noite nós vamos ver o Anton e a Heather. Ele vai fazer um jantar pra gente na casa dele. O Mace e a Rach só chegam no fim da semana.

O que eu não contei era que Anton havia oferecido seu apartamento em Manhattan para que ficássemos lá durante

nossa estadia. Eu sabia que Wes não ficaria animado. Quando estávamos em Miami, ele até gostou de Anton, mas naquela época nós ainda estávamos admitindo nosso amor um pelo outro. Estávamos ocupados demais com nossos pensamentos para nos preocupar com alguém em volta.

Arrumamos nossas coisas nas gavetas da cômoda do hotel tranquilamente, tomamos banho e fizemos amor. Eu podia sentir a tensão escoar dos poros de Wes quando ele gozou dentro de mim, com palavras de amor saindo de seus lábios.

Enquanto eu recuperava o fôlego, deitada sobre ele feito um cobertor, senti Wes levantar minha mão direita, levá-la aos lábios e beijar os dedos, um por um. Em seguida, o cretino sorrateiro deslizou algo pesado em meu dedo anelar.

— Quando é que nós vamos nos casar? — ele perguntou, de repente. Estávamos nus, sonolentos, tínhamos acabado de fazer sexo intenso e prazeroso e eu estava mole, deitada em cima do seu peito. Eu o havia cavalgado como se não houvesse amanhã e provavelmente ficaria com as marcas de seus dedos nos quadris para comprovar.

Pisquei e afastei o cabelo do rosto, colocando uma mão em cima da outra sobre o seu coração. Eu gostava de senti-lo bater debaixo de mim, sabendo que era meu.

— Isso é um pedido? — brinquei.

Seus olhos se estreitaram, e ele inclinou o queixo em direção a minha mão. Olhei para a aliança de diamantes que brilhava para mim.

— Nós já falamos sobre isso. — E acrescentou: — Você sabe que não vai ouvir um pedido. Você não tem a opção de recusar. — Suas palavras eram firmes e não deixavam espaço para discussão.

Inclinando-me, eu me sentei sobre ele e concentrei toda a atenção no anel mais elegante que eu já tinha visto, e que

agora adornava meu dedo. Tinha uma faixa de diamantes em toda a volta. Não era chamativo como a maioria das alianças de noivado. Não. Esta era simples, mas muito brilhante. A quantidade absurda de diamantes preenchia todo o aro que envolvia meu dedo. Não prenderia em nada. E eu ainda poderia pilotar a Suzi usando minhas luvas de couro. Era simplesmente perfeito.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Você não vai pedir mesmo? — Sufoquei um pequeno soluço enquanto olhava para o que era, aparentemente, um anel de noivado.

Ele se sentou, passou um braço ao meu redor, apoiou os calcanhares no colchão e se impulsionou para trás, até que estivesse recostado na cabeceira, comigo no colo.

Entrelaçou os dedos em meu cabelo, mantendo meu rosto na direção do seu.

— Você realmente precisa que eu peça? — Seus olhos estavam num tom verde brilhante quando me obrigou a encará-lo.

— Precisar? Não. Querer? Meio que sim — admiti, enquanto as lágrimas escorriam.

Wes suspirou e esfregou a testa na minha.

— Não me faça me arrepender disso — sussurrou, a voz tremendo com o que era, provavelmente, ansiedade, ou até mesmo preocupação, em relação a minha resposta. — Mia, meu amor, minha vida... Quer casar comigo?

Olhei em seus olhos e vi apreensão, como se eu pudesse dizer não. Nem em um milhão de anos eu perderia a chance de me prender a esse homem pela eternidade.

— Em vez de outro anel, posso ganhar outra moto?

Wes piscou, inclinou a cabeça para trás e riu.

Beijeí seu peito enquanto isso, percorrendo uma trilha até o pescoço e a orelha.

— Sim, baby. Eu quero casar com você — eu disse as palavras que sabia que ele queria ouvir.

Ele apertou os braços ao meu redor.

— Vou te fazer muito feliz.

Encarei seu rosto.

— Então você vai me dar uma moto nova? — perguntei, esperançosa. Ele balançou a cabeça e me beijou com muita intensidade, até minha boca ficar tão dolorida que eu mal podia sentir seus lábios nos meus.

— Quando? — rosnou no meu ouvido, se dirigindo para meus seios nus. Parecia que a segunda rodada começaria em dois segundos e meio.

— Hum... ano que vem? — respondi, colando sua cabeça ao meu peito enquanto ele mordiscava um mamilo ereto.

— Humm. Tudo bem. Primeiro de janeiro, então — Wes resmungou contra meu seio. Puxou o outro mamilo e chupou com força o primeiro.

— Ah... sim — gemi. — Espera. O quê?



Bati na porta da cobertura de Anton em Nova York. Wes estava a meu lado, um braço ao redor da minha cintura, me mantendo bem perto. A porta se abriu quando eu estava prestes a bater novamente. Fiquei bastante surpresa por ter que bater, já que a recepção havia nos anunciado.

— Você chegou! — Heather falou, pulando. Ela usava ankle boots abertas na frente que a deixavam muito mais alta do que já era. Seu cabelo loiro estava arrumado do mesmo jeito que sempre usava quando estávamos em Miami, como o de uma estrela do rock. Vestia uma blusa pink justíssima e de mangas compridas que dizia “Pink é o novo preto” em letras

brancas sobre os seios. A peça estava por dentro do jeans skinny, com um cinto de tachas que transmitia uma aparência de “sou foda”. Havia mechas em tom de fúcsia no cabelo, que a faziam parecer incrível. Caramba, ela *era* incrível.

Eu realmente precisava sair mais com as meninas. Ginelle vinha me enchendo havia duas semanas para ir fazer compras com ela em L.A. Eu teria que fazer isso quando voltasse.

Heather me tirou dos braços de Wes e me puxou para os seus, me balançando para a esquerda e a direita. Em seguida, se afastou um pouco e me olhou.

— Garota, eu não comprei roupas pra você em Miami? Por que você não usa? — Seu nariz se enrugou sem nenhuma má intenção. Ela só estava sendo honesta.

Gemi e balancei a cabeça.

— Estou confortável assim. — Puxei a camiseta de mangas compridas do show da Lorde, a que havia assistido com Maddy no ano anterior. Aquela garota mandou muito bem, e a camiseta era legal. Eu a combinei com jeans justos, rasgados nas coxas, e botas de caubói com salto de cinco centímetros. Cindy tinha mandado um par para Maddy e outro para mim, para nos lembrar do que nos esperava no Texas. Eram muito legais. De couro preto, com um design interessante no bico, mais quadrado que arredondado. A melhor parte? Tinha uma fivela incrível na altura do tornozelo.

Heather observou meus pés.

— Humm, as botas são bonitas.

Wes pigarreou atrás de mim.

— Ah, merda. Heather, lembra do meu namorado, o Wes?
— Fiz um gesto para o ombro dele.

— Hum, acho que você quer dizer noivo, linda. — Ele sorriu e piscou.

Os olhos de Heather se arregalaram, como se ela tivesse sido eletrocutada.

— Santa surpresa, Batman! Você vai se casar? Que incrível! — Ela nos puxou para um abraço coletivo, colocando os braços ao redor do nosso pescoço. — Aí sim! O Anton vai adorar a notícia. Casamento é com ele mesmo.

Eu ri.

— Como assim? Que eu saiba ele nunca se casou.

— Não, mas foi noivo muitas vezes — ela disse casualmente. Heather nos levou pela cobertura espaçosa até a cozinha, onde encontramos Anton balançando os quadris diante do fogão de seis bocas, num ritmo que só ele podia ouvir. O cheiro era absolutamente divino. Senti um toque de algo apimentado, que me fez lembrar da comida do sul.

— Quem vai se casar? — Anton se virou com uma espátula de madeira na mão. — *Lucita!* Você? Me diz que não é verdade. — Ele cruzou as mãos sobre o coração e se apoiou na borda da bancada.

Eu ri. Wes não. Ele passou um braço sobre meus ombros.

— É sim. Mostre o anel pra eles. Nós vamos nos casar no dia 1º de janeiro. — As palavras dele estavam repletas de orgulho viril.

Levantei a mão e olhei para Wes, confusa.

Os olhos de Anton se arregalaram.

— Tão rápido. Uau. Como a minha avó diria, vocês não perderam tempo. — Ele sorriu e piscou.

— Ainda não marcamos a data. — Levantei o olhar para meu namorado.

Suas sobrancelhas subiram muito.

— Acho que marcamos sim, um pouco antes de irmos pra cá. Lembra?

— Qualquer coisa discutida no calor do sexo não conta. Isso é coerção! — Fiz beicinho.

Wes sorriu.

— Que pena. Você concordou. Agora só falta decidir o lugar. — Ele entrelaçou os dedos em minha nuca, massageando a tensão de um dia inteiro de viagem que ainda estava lá, para não mencionar o peso de ficar noiva. Eu ainda nem tinha contado para Maddy ou Gin. Elas iriam pifar se ele falasse alguma coisa antes de eu ter a chance de contar para elas.

— Vamos falar sobre isso mais tarde. Tudo bem? — Eu me inclinei e o beijei uma vez, depois outra, por via das dúvidas. Assim ele saberia que eu não o estava rejeitando.

Ele segurou meu rosto. Rapidamente, virei a cabeça e beijei a palma de sua mão. Seus olhos estavam desconfiados, mas eu podia ver que provavelmente tinha a ver com quem e onde estávamos.

— Tudo bem, linda. Mais tarde. Amanhã. — Sua resposta foi firme e tinha uma ponta de autoridade.

Acordo era acordo.

— Combinado. Agora, Anton, me conte o que tem feito. Seu último álbum arrebentou, por sinal!

— Ah, *Lucita*, esse álbum foi foda. Você gostou da música em que eu dobrei a voz de uma garota?

— Muito! E, Heather, como vai a carreira de empresária?

Na última vez em que nos vimos, ela havia acabado de ser promovida. Anton não tinha percebido que estava explorando sua melhor amiga e assistente pessoal. Quando ele estava prestes a perdê-la, ofereceu um aumento para que ela ficasse. Até onde eu sabia, estava tudo ótimo agora.

Antes que ela pudesse responder, Anton se intrometeu, o que não era totalmente incomum para ele, que adorava ser

o centro das atenções. Bem adequado à sua profissão de rapper de sucesso também.

— A H é *asombrosa*... como vocês dizem? Incrível! Os shows que ela está negociando, os contratos com marcas de roupa. Fantásticos! Promover essa garota foi a melhor decisão que eu já tomei. Fico feliz de ter pensado nisso.

— Você?! — Heather e eu gritamos ao mesmo tempo e, em seguida, tivemos um ataque de riso.

— Tudo bem, talvez a ideia não tenha sido minha. Mas eu concordei.

Revirei os olhos. Heather sorriu e cruzou os braços.

— Tanto faz, Anton. O que você está preparando para o jantar? — perguntei, me aproximando e esbarrando em seu quadril.

Ele não parou de mexer o molho, que observava como um falcão.

— Ah, a comida preferida da minha família, e minha também. *Arroz con pollo*.

— Reconheci a palavra “arroz”, mas o que mais tem?

Ele riu.

— Basicamente arroz com frango.

— Vejo que você está se esforçando bastante — falei, inexpressiva.

Anton afastou meu cabelo do ombro e passou o polegar em minha bochecha.

— Pra você, *Lucita*, o mundo. — Seu tom era sério, mas o brilho nos olhos mostrava diversão.

Eu ri.

— Com frango e arroz?

Suas sobrancelhas se estreitaram.

— Ei, não brinque com isso. Todo mundo adora frango e arroz, *sí?*

— *Sí*, Anton. Wes, quer beber alguma coisa? — Eu me virei e olhei para Weston. Ele estava fuzilando a nuca de Anton, e eu não fazia ideia do motivo. — Wes? — perguntei novamente, até que seus olhos verdes focaram em mim. — Bebida?

Heather se aproximou e abriu o freezer.

— Tenho uma Cristal gelando. Acho que devíamos fazer um brinde agora, em vez de tomar os martínis que eu ia preparar. Com certeza nós temos motivo pra comemorar, já que você vai se casar! Meu Deus! Você está surtando? — ela perguntou enquanto ia até um armário e pegava quatro taças de champanhe.

Inspirei profundamente e deixei toda a tensão sair de meus ombros enquanto segurava minha mão e olhava para o anel.

— Surtando, não. Mais feliz do que pensei que estaria neste momento da minha vida? Com certeza!

Olhei para Wes, e todo o seu corpo pareceu se suavizar. A tensão que ele parecia carregar um minuto antes se esvaiu com minhas palavras. Seus ombros estavam relaxados, e ele apoiou o queixo na palma da mão e o cotovelo no balcão da cozinha, em uma postura casual.

— Que mulher não ficaria louca de felicidade?

Eu me debrucei sobre o balcão e segurei a mão dele. Ele a levantou e beijou a palma. Os arrepios começaram na parte inferior das minhas costas, e eu os segui mentalmente enquanto faziam cócegas pela coluna. Eles se transformaram em ondas de calor quando ele passou o polegar pelo centro da minha palma. Juro que era como um botão de acesso direto ao meu clitóris. No momento em que ele deslizou a unha na carne macia da minha mão, tive que abafar um gemido. Agora não era o momento nem o lugar para isso. Ainda tínhamos uma noite inteira pela frente antes que pudéssemos nos perder um

no outro mais uma vez. E era o que faríamos. Ah, sim, com certeza.

Decidi ali mesmo que deixaria meu namorado tão duro que ele perderia a cabeça de tesão antes mesmo de me levar de volta para o hotel.

Entrando no jogo, segurei sua mão e puxei seu braço. Então, passei o dedo na parte interna do antebraço, do cotovelo até o pulso, onde tracei várias vezes um padrão em forma de oito. Seus olhos brilharam e ele sorriu, mostrando os dentes brancos e os lábios deslumbrantes, que eu nunca me cansava de beijar. Por um momento me preocupei: meu plano secreto de seduzi-lo e deixá-lo louco de desejo poderia se voltar contra mim. Meu namorado era rápido no gatilho. Dei a volta no balcão da cozinha e parei ao lado dele. Ele me reivindicou no mesmo instante.

Heather serviu o champanhe ridiculamente caro.

— Vem, Anton. Baixe o fogo e venha aqui — ela insistiu.

Anton virou alguns botões, girou na ponta dos pés, como se estivesse em um clipe do Michael Jackson, inclinou o corpo para trás, estendeu o pé e deslizou até ela.

— Exibido — tossi.

Naquele momento, Wes começou a rir. Meu namorado estava finalmente relaxando, mas acho que, em primeiro lugar, tinha muito a ver com o fato de eu estar usando a aliança; em segundo, com o fato de eu estar presa a seu lado; e, em terceiro, com o fato de Anton ser um completo palhaço. Sexy pra caramba, mas ainda assim um palhaço. A primeira parte eu nunca admitiria, nem mesmo sob extrema pressão, pois Wes perderia a cabeça. Se as fãs do Anton soubessem quão fofo ele era, ainda o amariam, porque sua música era perfeita e ele era absolutamente gostoso, mas o fato de ser um palhaço talvez o fizesse conseguir algumas garotas legais. Eu esperava que sim.

Anton levantou a taça, e todos nós o imitamos.

— À *Lucita* e ao seu *hombre*. Que vocês brilhem tanto quanto o sol e compartilhem muitos dias perdidos de amor. *Salud*.

Abri um sorriso enorme, e, pela primeira vez, Wes realmente sorriu para Anton e assentiu. Anton olhou para meu namorado e depois para mim, inclinou o queixo e bebeu a taça inteira de uma só vez. Terminou com um caloroso:

— *Segunda ronda*.

Wes apertou meu ombro, e eu olhei para ele.

— Estou contente de estarmos aqui — admitiu.

Fechei os olhos, inspirei e encostei a testa em seu pescoço.

— Eu também. Eles são bons amigos e só querem o melhor pra mim. Que. É. Você — cutuquei sua bochecha com o nariz a cada palavra.

Wes pegou meu rosto e deu um selinho em meus lábios.

— Eu sei disso. A minha cabeça ainda está... você sabe... contaminada — ele falou tão baixo que só eu pude ouvir. Não importava, porque, depois do nosso brinde, Anton retornou para a cozinha e Heather voltou a encher as taças. Em seguida, se afastou para colocar uma música para tocar.

— Não. — Acariciei sua têmpora. — Mandê as preocupações embora. Nunca vai haver outro. Eu juro.

Ele assentiu e se inclinou perto o suficiente para que eu pudesse sentir sua respiração em meus lábios. Eu quase podia saborear as notas do champanhe em seu hálito.

— E eu vou garantir isso — ele sussurrou em minha boca antes de tomar meus lábios num beijo profundo, molhado, muito mais intenso do que era apropriado para o lugar.

Terminamos o beijo ao som de aplausos e gritos dos nossos espectadores do outro lado do balcão. A noite seria longa.